

O GEÓGRAFO QUE NÃO GOSTAVA DE MODELOS

MARCIO PIÑON DE OLIVEIRA¹

*Alguien ya contó los días,
Alguien ya sabe la hora,
Alguien para quien no hay
Ni premuras ni demora*

Jorge Luis Borges

As cidades nos falam empiricamente das suas teorias e, às vezes, precisamos encontrá-las. Entretanto, o contrário não é necessariamente verdadeiro. Assim pensava o amigo e geógrafo *Nelson da Nóbrega Fernandes*, que, com toda a franqueza e honestidade acadêmica que lhe era peculiar, detestava os modelos. Este amigo nos deixou, temporariamente, no limiar da Lua Nova de junho deste ano, de tantas turbulências e tribulações em nossas cidades.

Diante do grande cenário de mudanças por que passam as nossas cidades, em particular o Rio de Janeiro, com projeto “Porto Maravilha”, obras de infraestrutura e revitalização para a Copa do Mundo e Olimpíadas de 2016, o que mais nos falava Nelson era sobre o que não mudava, o que resiste e persiste na sociedade e no espaço carioca, a começar pelos seus sujeitos. Às vezes o mais importante é o que não tem urgência, nem atraso em mudar, como nos alude os versos de Borges.

Natural do Rio de Janeiro, nascido e criado no subúrbio de Madureira, mais precisamente, no “Campinho”, esta era uma marca ou viés do olhar deste geógrafo inquieto e arguto, cuja produção intelectual sobre a cidade nos legou importante contribuição.

Em “Escolas de samba: sujeitos celebrantes, objetos celebrados. Rio de Janeiro, 1928-1949”², Nelson nos revela, por dentro da cidade e sua

¹Professor do Programa de Pós-Graduação e do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense.

²FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de samba: sujeitos celebrantes, objetos celebrados*. Rio de Janeiro, 1928-1949. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

ordem urbana, a “vitória do samba” através do Carnaval, que como ele mesmo afirma “é a expressão de uma rara vitória dos vencidos que se manifestou em nossas ruas. Percorrer os tempos e lugares do samba carioca nos permite reconhecer a faceta elitista e excludente da formação social brasileira e a violência da polícia para com os pretos, pobres e boêmios, infelizmente ainda atuais”.

Em “*O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro (1858-1945)*”³, Nelson realiza importante esforço de desmistificação da categoria subúrbio e do seu uso estereotipado e ideológico na cidade do Rio de Janeiro, e que permeia todo o senso comum. Fernandes recusa em aceita-lo genericamente como periferia social, lugar de pobres e operários. Embora justificado academicamente “o conceito carioca de subúrbio” apresenta-se como um fenômeno ideológico, fruto de uma estratégia de desmoralização da classe trabalhadora pelas elites na cidade do Rio de Janeiro.

Para ele, as cidades não eram dadas, nem se resumiam ao significante de suas paisagens, eram elas, as cidades, viscerais, intestinas, meandradas e truncadas, que escondem mais do que revelam ao primeiro contato. Embora tenha-se uma vontade de potência sobre elas, incontida, estas não se submetem as nossas razões e vontades por mais que tenhamos essa presunção e perfeito sejam os seus planos. Nesse sentido, nunca fazemos delas exatamente o que queremos ou pretendemos, o resultado é sempre algo diferente, e este é o grande fascínio, sabor e mistério do seu estudo.

Nelson, geógrafo da inquietude e dos espaços e sujeitos silenciados, nos deixará saudades!



dez/2013 | Can Culleretas
Barcelona/Espanha

“Gosto de dizer aquilo que penso, e de fazer aquilo que eu quero. Sou teimoso, bondoso e honesto. Não gosto de ficar parado. Meu grande sonho é viajar(...) Conhecer o mundo”

O Meu Retrato, Rio de Janeiro, 1969

Nelson da Nobrega Fernandes
Rio de Janeiro, 09/09/1955 - 26/06/2014

³FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro (1858-1945)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.